Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

SABER e HUMILDADE

PELO DR. FREDERICO DE MOURA

FINOU-SE há dias no Porto, sua terra natal, o Dr. Artur de Magalhães Basto, que era uma espécie de guarda-mor das tradições do velho burgo e que guardava, na sua personalidade, todas as virtudes do morigerado povo tripeiro.

Era, a par de um historiador escrupuloso e probo, um homem bom no melhor sentido e que envolvia toda a sua actividade literário num burel franciscano de humildade.

Hei-de recordar sempre com saudade a sua presença irradiante de simpatia humana, a seriedade impoluta com que lavrava no campo das letras, sempre servido por um estilo desataviado e, ao mesmo tempo, expressivo, onde se não vislumbrava um vestígio de afectação e onde a erudição histórica nunca deixou o mínimo laivo de impertigamento de capelo e borla. Simples — de uma simplicidade que atraía o povo — aberto — de uma largueza que aglutinava a infância — costumava vir passar as férias na sua casa de Vagos, onde a sua rica personalidade se incorporava nesta paz campesina sem um esgar de constrangimento. Ao contrário, os trinta dias que por aqui costumavam demorar-se davam-lhe um prazer que era bem patente na sua psicologia que não tinha alçapões de mágica, nem criptas escuras e secretas.

Amava as crianças e as flores, entendia, à maravilha, as coisas humildes e simples, comprazia-se em ver a terra a levedar a fornada da colheita, e um rego fundo de arado metia-lhe respeito. E, no entanto, Magalhães Basto era no nosso meio intelectual representado por uma obra válida, construída com um labor sério e rigoroso, e expressa numa prosa sem borroquismos nem saltos mortais, mas de uma fluência cristalina e rica de sabor.

Mesmo quando discordava de alguém ou quando tinha de se opor a uma ilacção que lhe parecia falsa, a argumentação vinha vertebrada e sólida, mas destituída do envolvimento de palavras rudes e de estilo áspero, isenta de sublinhados polémicos

Continua na página 2

Rascunho da Semana

COMENTÁRIOS DE JORGE MENDES LEAL

CINEMA

No último sábado, alguns aveirenses mais afortunados, ou mais curiosos dum tal género de sucessos, tiveram ensejo de assistir à projecção de seis filmes do cineasta-amador Vasco Branco — nome prestigiado da Literatura portuguesa contemporânea e, também, artista plástico de méritos consabidos.

A exibição foi antecedida por uma judiciosa palestra de Mário Sacramento que, analisando com a sua peculiar inteligência crítica a obra multímoda de Vasco Branco, fluentemente transmitiu ao público um juízo claro acerca dos elementos que a caracterizam e nela funcionam como constantes. Quanto a nós, porém — que nada saberíamos acrescentar à lição do notável ensaísta —, apenas desejamos pôr em relevo um aspecto do acontecimento: que é o de sobrarem, na realização ardente e ansiosa dum amador, as virtualidades estéticas que o nosso cinema profissionalizado sempre enjeitou.

A novidade formal de «Figuras & Abstracto», ou a comunicativa ternura de «O Menino e o Caranguejo», acusam um germe fertilizante que não se descobre nos contos de reis dos produtores, nem na prática sensaborona da manivela, nem no uso e abuso das primícias técnicas mais ou menos «scope» e mais ou menos «rama». Esse germe chama-se *talento* — e será talvez ousado querermos achá-lo num campo onde até o puro bom-senso tem escasseado (vide «A Costureirinha da Sé», «O Passarinho da Ribeira» e outras maravilhas)...

RIQUEZA

O «Primeiro de Janeiro» de domingo inseria, na secção Precisa-se, *um anúncio para gulosos e megalómanos:* «DACTILÓGRAFO/A — Com muita prática de teclado universal e estenografia, escrevendo correctamente em português e inglês. Vencimento: Esc. 1 500$00.»

Reconhecemos que os maldizentes, as línguas de víbora, os campeões da insatisfação, os maníacos da fome continuam a murmurar que as coisas caminham cada vez

Continua na página 7

ELOGIO do AZUL

UM ARTIGO DE M. LOPES RODRIGUES

SABE-SE, por autorizadas referências históricas, que foi azul — da cor do céu — o luto por Santa Joana. Por esta cor não estar em uso no Reino, como exteriorização do sentimento de pesar pela morte de pessoas queridas, o acontecimento causou certa estranheza. Breve, porém, cada um achou em si uma razão enternecedora que o justificava, independentemente do que se impunha em obediência à disposição régia que o determinou.

As cores têm a sua linguagem como têm a sua história.

Andam a esplender nas páginas mais belas e sugestivas da estilística, adornando prosa e versos, vibrando como trombetas a incitar arrancadas heróicas, aquecendo como carícias amorosas ou sossegando como embalos em regaços macios.

Reflectem-se em sortilégios de magia, desde as radiosas alegrias pagãs ou envolventes rescendores sensuais, às amplitudes das serenidades ascetas, da oração e da penitência — aliciantes nos enlevos da alma e no inebriamento dos sentidos — a tudo dando presença comunicativa e emocional.

Nas telas dos artistas, elas são essência de expressão e efeito, porque, além dos seus índices físicos, detêm uma «alma» que exprime e desperta diferentes disposições de espírito, desde as tonalidades

Continua na página 2

Aniversário de uma DATA TRÁGICA

ARTIGO DO DR. QUERUBIM GUIMARÃES

PASSOU no primeiro dia do mês de Junho findo. O dia 1 de Junho de 1890 foi um dia de luto para as Letras portuguesas. Em São Miguel de Seide, onde tanto se elevou o génio de Camilo, nesse recanto minhoto de luminosa paz, o maior de todos os que no século XIX cultivaram as Letras em Portugal, punha termo à tragédia da sua vida. Punha termo esse alto espírito ao fatalismo de infortúnios que lhe ensombraram, em profundas amarguras, as horas altas dos seus triunfos de exímio manejador da pena, que tinha nas suas mãos eloquências cintilantes de um romântico sentimentalista e amoroso, ou a fumegante ardência do batalhador que, sorrindo ou troçando, era inclemente a fustigar impertinências, ou a reduzir a cacos a petulância dos que ousavam terçar armas com ele — o gigante em duelos famosos, de que ele saía sempre vitorioso, e o adversário em destroço.

Não houve na Literatura Portuguesa escritor mais prolífero. Com os seus trabalhos, que eram mais regalo para os editores do que benefício para ele, encheram-se estantes. E, escrevendo tanto e tanto produzindo em imaginação criadora e na expressão verbal de um riquíssimo vocabulário — de cuja posse foi quase que o senhor absoluto — bem poucos discípulos deixou: um Ricardo Jorge, misto, como tantos outros da sua classe, de homem de Ciência e homem de Letras, em ambos os sectores atingindo culminâncias; e, na actualidade, um Aquilino Ribeiro, neste, porém, notando-se, no estranho emaranhado da roupagem da forma, demasiado recurso ao que, por invulgar, é já dos domínios do museu da Língua.

Camilo, tendo uma riqueza de vocabulário que tão superiormente o distinguia e distingue como raridade no cultivo das Letras, foi sempre de uma claridade expressiva, notável, ao alcance de todos o seu pensamento, nada com-

Continua na página 2

A presente gravura reproduz uma escultura da autoria do consag artista Henrique Moreira. Traduz expressivamente os momentos cruciant se seguiram à visita do oftalmologista aveirense Dr. Edmundo Mac — momentos que precederam a fatal decisão de Camilo Castelo Br

Aniversário de uma data trágica

Continuação da primeira página

plexo ou oculto na espessura formal do que foi contacto espiritual doutros tempos na semântica da língua.

Lêem-se hoje os seus romances, pois não se considera ainda escritor deslocado da época realista que se vive, época dum tecnicismo materialista que tudo invade, ou de fugacidade de um dinamismo perturbador que não nos dá tempo para lermos em repouso e meditarmos sobre o pensamento criador da obra. Pode cansar a leitura da obra camiliana, mais pela hodierna quase ausência de tudo o que é obra do sentimento, na multiplicidade emotiva das suas manifestações, como fonte criadora de beleza espiritual... Camilo andava na pesquisa de assuntos que lhe servissem de motivo para conceber o enredo dos seus romances, percorrendo o país, por aqui e por além, desde os lugarejos mais recônditos, a colher na fonte da tradição — a água viva que alimentava a alma do povo —, ou refugiando-se no silêncio poeirento dos arquivos para obter mais seguros elementos informativos para acomodar, no possível com a verdade histórica, o desenho das figuras dos seus romances.

Na nossa terra, isso se verificou com o seu «Olho de Vidro», para desenhar a figura dominante do romance — o médico Brás Luís de Abreu que, no século XVIII, foi letrado na arte galénica e às letras se ofereceu também em holocausto.

Não houve drama na sua agitada época de preconceitos sociais, pugnas ideológicas, divergências políticas, ou lutas familiares, que ele não aproveitasse para a sua obra literária. Destaca-se, no anseio pesquisador de motivos para os seus trabalhos, a tragédia «Amor de Perdição» — a obra de maior nomeada da época desse final do Romantismo em que Camilo viveu e a que o Realismo pôs termo — com os que se lhe seguiram. Nestes pontificou Eça — tão grande também (o maior do seu tempo), mas tão díspar no elegantismo crítico da sua obra de comentário à vida social do seu tempo, da vernaculidade castigadora de Camilo.

Não há obra, porém, na vastíssima bibliografia de Camilo em que, quando fraqueje a originalidade do tema, do motivo criador — por repetições a que era obrigado pelo imperativo orçamental a que tinha de se submeter — não haja páginas extraordinárias de encantadora prosa e de cintilâncias de espírito, que teve a maior fulgência como formidável pugilista na pugna literária de que a «Boémia do Espírito» nos dá conta, da qual saíam sempre a sangrar do ridículo a que os reduzia, mais do que do sangue das vergastadas que o fundibulário lhes assentava nos lombos. Ele, nesses combates, era mais um jogador de florete, ferindo mortalmente o adversário com o estilete da graça espontânea, de que sabia tirar efeitos como ninguém, do que um varredor de feira, atacando impiedosa e cegamente com o marmeleiro do seu transmontanismo quem se lhe pusesse na frente a desafiá-lo.

Gloriosa e desgraçada, a sua vida, dramática por vezes e motivo de dolorosas páginas, como as das «Memórias do Cárcere».

Depois da loucura do filho Jorge, a tragédia da cegueira, a que pôs termo na entrada de Junho de 1890. Ao triste desfecho, que emocionou o país inteiro, está ligado o nome de um aveirense ilustre, oftalmologista insigne, especializado em Paris nesse ramo da Medicina — o Dr. Edmundo Machado, que foi chamado a Seide, como último recurso. Logo após essa visita, e tão tristemente, Camilo desapareceu da vida...

Essa cegueira, que foi o termo desconcertante da sua vida, tanto o amargurou no conhecimento da hipocrisia «dos cento e dez amigos» com que contava e que, nesse transe final, ficaram reduzidos apenas a um, que essa dor ficou bem traduzida nos dois tercetos do célebre soneto *Amigos*, que aqui reproduzimos, ao encerrar a presente evocação da figura de Camilo:

— Um dia adoeci profundamente
— Cegue! Dos cento e dez houve um sòmente
— Que não desfez os laços quase rotos!

— Que vamos nós, diziam, lá fazer?
— Ele está cego... não nos pode ver...
— (Que cento e nove impávidos marotos!)

Querubim Guimarães

ELOGIO DO AZUL

Continuação da primeira página

activas e gritantes, que são alegres e festivas, às ténues e esbatidas, que são a quietude, a prece, a tristeza e a melancolia.

E o azul anda na envolutura de todo este impressionismo, tanto revelando júbilo como indecisa inquietação ou brumosa saudade.

É a cor das imensidades, dos encantamentos poéticos, dos fundos estrelados dos sacrários e da ternura amorosa dos sonhos românticos — signo da fidelidade e da transfiguração, símbolo do distante e da nostalgia, diversificando-se desde o azul intenso, que tem o seu quê de enigmático e profundo, e nos caracteriza a beatífica solidão, à cor do miosótis, que é a divisa da amizade.

Nos domínios da arte, sobretudo da arte cristã, o azul constitui o mais valioso património impressionista, triunfando sobre as outras cores, porque, além de significar a luz divina e a maravilha do paraíso edénico, foi a cor que tingiu o pano da túnica de Cristo e, através dos séculos, se aliou aos paramentos da Santidade.

Tanto se aproxima das trevas com os seus tons profundos, que são as sendas escuras das almas angustiadas, como atinge as claridades etéreas do céu, que é o páramo das almas místicas.

Anda a bailar-nos nos olhos e na imaginação quando nos quedamos a ver e a recordar os quadros sublimes e as esculturas dos altares, sentindo o afago da cor do manto da Virgem, que também é azul arrancado à paisagem sideral... e perpassam-nos pela lembrança os mosaicos de Delft, de Rovena e de Veneza e essa bela obra de arte que é o mosaico grande da basílica de S. Fosca, não esquecendo a pequena maravilha de harmonia cérula que é a Jarra Azul de Cezanne, que se expõe no Louvre, e o animal da fábula, que amiúde vemos reproduzido, da porta de Ischtar da Babilónia, que nos contempla há dois mil anos do fundo dos seus tijolos vidrados, cuja força de colorido parece ser imorredoira.

Assim o azul anda permanentemente ligado à manifestação dos sentimentos e aliado às expressões da Beleza — nas coisas e nos factos, na criação humana e na natureza, no espírito e na vida.

Ao seu poder de sedutora valorização estética exalça-se o que ela possui em variedade infinita.

Porque era sempre azul a cor amena do céu de Portugal — do céu que cobria a terra inteira do nascimento desta virtuosa Princesa e da infinita mansão de Deus para onde seus olhos suplicantes sempre se erguiam a acompanhar as suas rezas e a ofertar as suas penitências, para onde iria parar a sua alma imaculada —... e porque o céu era toda a sua visão e toda a atracção do seu afecto religioso, foi no ambiente do azul celestial dos panejamentos e dos trajes que se espargiram as indulgências da sua morte e a razão por que esta cor se tornou, inspiradamente, a expressão de sentimento pesaroso e magoada nostalgia, manto sereno da dor e da saudade.

M. Lopes Rodrigues

Saber e Humildade

Continuação da primeira página

e, ao contrário, almofadada da tolerância mais aberta e da correcção mais fidalga.

Trabalhador incansável, Magalhães Basto deixa uma obra imprescindível nas prateleiras de quem se interesse por assuntos históricos, mormente dos referentes à Cidade da Virgem. São modelares, de substância e de seriedade, os seus estudos sobre Fernão Lopes, para só referir um exemplo e não cair numa floresta de citações que poderiam fazer-se, já que em todos os seus passos, no caminho da investigação histórica, funcionam, como constantes nunca deturpadas, a solidez mais firme e o rigor mais geométrico.

As suas férias de Vagos só eram férias porque o dispensavam do cumprimento dos seus horários oficiais e lhe alargavam o rigor da indumentária citadina, e nanja porque a sua mão parasse de lavrar nas laudas que lhe ofereciam uma disponibilidade branca. Apenas, pelas tardinhas, dava o seu passeio a inundar os olhos da paz macia dos campos e da calma doirada dos poentes, as mais das vezes no meio de um bando chilreante de crianças.

Era um devoto da nossa região, que amava entranhadamente e que, sempre que podia, visitava com o mais visível prazer. Estendia os olhos pela nossa planura recortada de água, como quem encontrasse uma paisagem verdadeiramente sedante. E a visita anual do Dr. Artur — como por aqui era tratado — vai fazer falta na monocordia desta vila siderada na duna, a labutar no chão arenoso, com fadiga e suor, enquanto às crianças há-de custar a esquecer a palavra sedosa e a compreensão, sem portas, que encontravam naquele homem bom e sereno.

Por sua vez, o Porto há-de, por força, pôr fumo negro na lapela, em sinal de luto pela perda do seu cronista — um cronista que lhe contava a história sem hermetismos inacessíveis aos olhos comuns e sem estilos rebarbativos, incapazes de fazerem vibrar os tímpanos dos leitores vulgares. Ao invés, a sua pena deixou uma crónica viva e animada e os seus «velhos manuscritos» vinham para a estampa vitalizados por um sangue rico de hemoglobina e aquecidos de um calor humano e comunicativo.

A perda do Dr. Magalhães Basto empobreceu flagrantemente o círculo das minhas relações e tem, por força, de fazer-se sentir na sociedade portuguesa, que não é tão rica de valores que consiga fàcilmente tapar o vazio que o seu afastamento provocou.

Eu, por mim, fico indeciso, sobre se é mais de lamentar a perda do intelectual limpo e modesto, se mais de prantear o carácter impoluto do Homem largo e tolerante que soube sempre fazer justiça aos outros, à margem de todas as considerações parasitárias dos ideais e das crenças que perfilhava.

Vagos, 22-VI-1960

Frederico de Moura

Justo pedido de um novo curso na Escola Técnica

Ex.mo Senhor
Director do Jornal *Litoral*
Aveiro

Em 1 de Agosto de 1959, publicou o jornal de que V. Ex.ª é mui digno Director e nas colunas reservadas a «Diz o Leitor», um artigo por mim subscrito no qual punha em evidência e creio que justificadamente, a necessidade de ser criado na Escola Industrial e Comercial de Aveiro, o curso de construtores civis e topógrafos.

Creio ser desnecessário repetir agora todas as vantagens e benefícios que resultariam da criação de tais cursos, demais que a sua utilidade por todos é conhecida e muito especialmente daqueles mais intimamente ligados à construção civil.

Porque mais um ano lectivo se acha pràticamente expirado e nada ou quase nada se tenha adiantado, pelo menos do conhecimento público, para resolução de tão momentosa necessidade, parece-me oportuno frizar agora e solicitar, para bem de muitos interessados, às entidades competentes, que transformem em expressiva realidade — e já no próximo ano lectivo — o que até hoje tem sido ansiosa aspiração de muitos.

Só por apontamento curioso e a título elucidativo pode-se afirmar que nos últimos seis anos e no que se refere ao concelho de Aveiro, se construiram cerca de 1500 edifícios residenciais e industriais, número suficientemente expressivo para a justificada abertura do curso de construtor civil.

Não será erro afirmar que mais de 50 % destas construções foram realizadas por indivíduos de pouca competência técnica e até, em grande parte, por curiosos.

O que se diz em relação ao concelho de Aveiro estende-se naturalmente aos outros concelhos do Distrito, onde se tem igualmente verificado um progressivo aumento de construções habitacionais e industriais consequência lógica do aumento populacional e industrial dos últimos tempos.

Por tudo isto fica mais uma vez expresso neste semanário o desejo e necessidade de muitos pela criação do curso de construtores civis e topógrafos que, em meu entender, viria a ter uma valorosa intervenção no progresso da construção civil.

Aveiro, 25/6/60

Asisnante 1-2373

N. da R. — *As oportuníssimas considerações desta carta, subscrita por um dinâmico aveirense que é distinto Agente Técnico de Engenharia, merecem o mais franco aplauso. E — ao que nos consta — não foram baldadas as suas judiciosas palavras insertas neste jornal, vai para um ano, e tudo se conjuga — dizem-nos — para que o Curso de Construtores Civis e Topógrafos seja criado na Escola Industrial e Comercial de Aveiro, sendo ainda provável que se inicie no próximo ano lectivo.*

Oxalá em breve possamos congratular-nos com a concretização do justificadíssimo anseio.

Vedada ao trânsito, uma vez mais, a Ponte do Fortel

«/.../ e, uma vez mais, foi vedada ao trânsito pesado a Ponte do Forte da Barra! Lastimável é que tal aconteça — sis-

Continua na página 5

Secção dirigida por

DESPORTOS

ANTÓNIO LEOPOLDO

Recinto desportivo que importa salvar

TANQUE-PISCINA

ENCONTRAMO-NOS em plena época estival. Tempo próprio para a prática das modalidades aquáticas — remo, vela, pesca, motonáutica e... natação, a modalidade-base, o desporto-divertimento imprescindível a quantos se queiram dedicar a qualquer das outras derivantes indicadas.

Pois bem: Aveiro, com largas e preciosas tradições na Natação, e que ùltimamente esboçou uma interessante tentativa de regresso aos seus melhores tempos, encontra-se a braços com um problema gravíssimo. O Sport Clube Beira-Mar, a quem, sem sombra de dúvida, se deve o maior (e quase total...) quinhão no aludido ressurgimento da modalidade, encontra-se impedido de abrir as portas do seu tanque-piscina!

Razões ponderosas, mas pouco — e mal — conhecidas, determinaram este lamentável estado de coisas, que tem propiciado a formação dos mais diversos comentários sobre o caso.

No intuito de elucidar devidamente os nossos leitores, procurámos obter, junto de personalidade responsável, os necessários elementos informativos. Em resumo, a situação do tanque-piscina é esta, segundo nos foi declarado:

O recinto só poderá reabrir depois de efectuadas algumas obras, por imposição da Direcção Geral de Saúde. A Direcção do Beira-Mar aguarda que aquele departamento oficial lhe comunique quais os melhoramentos que necessita de fazer — para, depois, ver se pode ou não suportar os encargos que se lhe impõem.

O Presidente da Direcção do Sport Clube Beira-Mar, sr. CARLOS FERREIRA GOMES TEIXEIRA, que nos forneceu as informações atrás resumidas, disse-nos ainda, quando lhe falámos da *divulgada* notícia de que o Beira-Mar pensa aterrar o seu tanque-piscina, transformando-o, depois de obter as necessárias autorizações, num parque desportivo para as chamadas modalidades pobres:

— Nada se assentou sobre o assunto, nem a Direcção a que presido tomará, por si, essa responsabilidade. Se pudermos, nós mesmos mandaremos executar as obras que superiormente forem julgadas indispensáveis; caso a verba a dispender seja incomportável, será convocada uma Assembleia Geral para se ocupar do caso, uma vez ele é de real importância.

Assim posto o problema, só nos resta augurar para o momentoso assunto a solução ideal: próxima reabertura do tanque piscina — ainda que com sacrifício monetário do Beira-Mar e dos beiramarenses. O tanque-escola é indispensável a Aveiro, sendo notabilíssimos os serviços que já lhe prestou, como todos sabem.

Por certo, este ano será impossível pôr em funcionamento o magnífico recinto, que custou já muitos trabalhos, muitas canseiras, e muito dinheiro aos amarelo-negros. Não deixemos, portanto, que a actual emergência se prolongue — por forma a que, na próxima época, o tanque-piscina do Beira-Mar possa estar apto a servir, como sempre serviu, Aveiro e o Desporto Nacional.

Lembremo-nos sempre: perder o tanque-piscina é ferir de morte a Natação Aveirense!

Concluindo, não resistimos à tentação de incluir neste escrito uma informação curiosa:

Dos *recordes* de Portugal estabele-

Continua na página 6

Beira-Mar, 0 — Vitória de Guimarães, 4

Num desafio de carácter beneficente, cuja receita reverteu para a Casa dos Pobres de Estarreja, defrontaram-se, na tarde de domingo, as turmas de honra do Beira-Mar e do Vitória de Guimarães. O prélio serviu de pretexto para que os estarrejenses homenageassem o seu conterrâneo Joaquim Tavares Guiomar, popularizado no futebol por Rola, que há largos anos representa os vimaranenses, depois de ter alinhado no Sporting Clube de Portugal.

O *Parque de Jogos do Dr. Tavares da Silva*, assim denominado agora em póstuma homenagem a este grande e saudoso desportista da nossa região, registou razoável assistência, na sua maioria constituída por desportistas de Aveiro.

Jogou-se sob muito calor, e desse facto se ressentiu a factura do futebol produzido, verdadeiro futebol de fim de época, de reduzido interesse.

No entanto, manda a verdade que se diga que a primeira metade atingiu uma bitola muito aceitável: jogou-se com ardor, boa velocidade e certo empenho, desenhando qualquer dos *teams* esquemas bem recortados e muito agradáveis. Os minhotos terminaram com a vantagem de 1-0, em tento obtido por intermédio de ROLA, iam decorridos 22 minutos. Antes, porém, qualquer dos grupos havia perdido bons ensejos de golear, pelo que talvez uma igualdade ficasse mais a preceito.

Na metade final, o prélio foi menos agradável, arrastando-se numa toada morna, talvez devido ao enfraquecimento dos onze iniciais, em virtude das substituições que se operaram. Inferior, como se depreende, o futebol do segundo tempo foi ainda, e a espaços, algo quesilento — o que tudo contribuiu para que se lhe dê uma nota baixa...

Sempre mais clarividente, mais lúcido e mais objectivo, o grupo de Guimarães mereceu inquestionàvelmente o triunfo que alcançou. Todavia, os números ganharam desnível enganador no final do encontro, quando a marca se fixou

Continua na página 6

Ficha do encontro

A'rbitro — Jorge Silva, de Aveiro.

BEIRA-MAR — *Violas; Hassane Aly (Brito), Liberal e Evaristo; Sarrazola (Hassane Aly) e Marçal; Raimundo, Laranjeira, Calisto, Correia (Ramos) e Mota Veiga (Dimas).*

VITÓRIA DE GUIMARÃES — *Pinho (Dionísio); Caiçara, Silveira e Domingos; Barros (Celú) e Daniel; Azevedo, Carlos Alberto (Ernesto), Edmur, Romeu e Rola.*

TORNEIO DE COMPETÊNCIA

A quarta jornada, última da primeira volta, assinalou a subida do Torreense ao primeiro posto, por troca com o Feirense, que, em Torres Vedras, sofreu a sua primeira derrota; e marcou, ainda, a baixa irremediável do Vila Real à III Divisão, já que os transmontanos, em Cernache do Bonjardim, somaram o seu quarto inêxito consecutivo.

Sobre quem acompanhará os homens do Vila Real e sobre quais serão os *teams* que ingressam na II Divisão, nada há ainda de positivo, já que qualquer dos três restantes clubes pode ser o sacrificado.

A classificação final poderá ficar esclarecida depois dos jogos de amanhã: os campeões aveirenses encontram-se em situação privilegiada, pois basta-lhes ganhar ao Cernache para garantirem o acesso à II Divisão; ante a equipa já condenada, o Torreense joga cartada decisiva, pois, se perder em Vila Real, poderá ser desfei-

Continua na página 6

Torneio Beiramarzinho

No Estádio de Mário Duarte, evolucionaram, na tarde do penúltimo sábado, como nestas colunas anunciáramos, cerca de meia centena de jovens futebolistas das Escolas de Infantis do Beira-Mar, que entre si disputaram um animado e utilíssimo torneio, sob orientação dos técnicos do futebol amarelo-negro: Anselmo Pisa e Carlos Sarrazola.

O público não compareceu em grande número, talvez porque o TORNEIO BEIRAMARZINHO não foi convenientemente reclamado, mas quantos se deslocaram ao Mário Duarte deram por bem empregado o seu tempo, já que lhes foi dado apreciar um excelente espectáculo e admirar alguns promissores futebolistas-miniaturas.

Os jogos, disputados nos moldes da Taça Latina, e em rectângulo de dimensões reduzidas, forneceram os seguintes resultados:

AZUIS, 3 — ENCARNADOS, 0

Azuis — Vaz Pinto, Freire, Martinho, Rebocho Christo 1, Viriato, Carlos Manuel, João Domingos 1 e Santos 1.

Encarnados — Graça, António, Faria, David Simões, Martinho, Fidalgo, Nélito, Martins, Carvalho e José Maria.

Arbitrou o futebolista Laranjeira.

PRETOS, 1 — AZUIS-E-BRANCOS, 0

Pretos — Paiva, Melo, Arménio, Perestrelo 1, Fernando, André, Alcides (David), Balacó e Chico.

Azuis-e-Brancos — Agostinho, Almeida, Pereira, (Guilherme), Fernando, Carlos Manuel, Bernardino, Neves, Elias e Pimenta.

O jogo foi resolvido na marcação de *penalties*, por ter terminado com os grupos igualados a zero.

Arbitrou o fetebolista Sidónio.

■

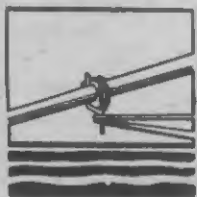
Disputaram-se, depois, os encontros finais, em que as equipas apresentaram idênticas formações. Limitamo-nos, por isso, a indicar os resultados e os nomes dos autores dos golos.

Para o 3.º lugar, os AZUIS-E-BRANCOS derrotaram os ENCARNADOS por 1-0, em golo de Almeida. Arbitrou a partida o futebolista Sílvio, que pertence ao Sporting Clube de Portugal.

Por último, na verdadeira final, os AZUIS venceram por 3-2 os PRETOS, ganhando o torneio. Arbitrou, novamente, Laranjeira,

Continua na página 6

REMO

Preparação Olímpica

Em Vila Franca de Xira, no passado domingo efectuaram-se, numa organização da União Desportiva Vilafranquense, os Campeonatos Regionais de Remo do Sul.

No mesmo programa, realizou-se um prova de preparação, em vista ao possível apuramento de uma equipa portuguesa de *shell de quatro* para os Jogos Olímpicos de Roma.

Aguardada com muito interesse e expectativa, a regata proporcionou um triunfo nítido aos remadores do Grupo Desportivo da C. U. F., que conseguiram a vantagem de um barco e meio sobre a tripulação do Clube dos Galitos.

Os aveirenses, que correram na categoria de seniores pela primeira vez, acusaram natural nervosismo, mas evidenciaram possibilidades de, num futuro próximo, terem ao seu alcance a desejada desforra.

O seu ritmo e a harmonia das suas remadas impressionaram agradàvelmente — e mais do que os dos cufistas.

A tripulação aveirense formou com António Charneira, Hermenegildo Andias, Manuel Matos, Simões Cunha e Carlos Teles *(tim.)*.

Hóquei em Patins

Campeonato do Centro

Terminou, no sábado, a primeira volta do torneio, com a efectivação duma jornada inteiramente favorável aos grupos visitantes, que ficaram cem por vitoriosos, como se verá nos resultados verificados nas partida do dia:

SAMPEDRENSE, 2 — ACADÉMICA, 5; GALITOS, 2 — MINAS, 5; e SPORT, 1 — TERMAS, 5.

A turma das Minas da Panasqueira segue invicta e sem pontos perdidos, marchando à frente da classificação. Os campeões regionais, conquanto mais enfraquecidos, em relação às anteriores épocas, têm, no entanto, capacidade bastante para revalidar o título que justamente ostentam. Mas surgem-nos este ano dois grupos — Termas e Académica —, que, por aquilo que das suas exibições se pode antever, podem muito bem contrariar o inteiro favoritismo que geralmente se concede aos mineiros.

Tal facto, como é óbvio, rodeia de muito interesse a segunda volta, que hoje se inicia, com os encontros *Académica — Minas (3-8), Galitos — Termas (1-5) e Sampedrense — Sport (2-2).*

Galitos, 2 — Minas, 5

Sobre a arbitragem do aveirense sr. Luís Neves, os grupos utilizaram os seguintes:

GALITOS — Gil, Nelito, Pratas Goes, Élio e Rosa. *Supls* — Brás e Armando.

MINAS — Germano, João Augusto, Adelino, Solipa e Almeida. *Supl.* — Rocha.

Se não pode sofrer dúvidas o mérito do triunfo dos mineiros, já que eles foram indiscutìvelmente superiores na técnica individual e de conjunto, o mesmo não se poderá afirmar referentemente aos números finais.

De facto, os aveirenses justificaram um desfecho tangencial, mercê da sua entusiástica e firme réplica do segundo meio-tempo, quando o binário dianteiro, formado por Élio e Brás, se entendeu

Continua na página 6

PESCA

Na manhã do passado domingo realizou-se, no molhe central da praia da Barra, o Concurso de Pesca Inter-Empregados da Companhia Portuguesa de Celulose, organizado sob o patrocínio do Clube Naval de Aveiro e por uma comissão de que faziam parte os srs. Dr. José Manuel Canavarro, Carlos Ferreira Pires, António Fernandes da Silva e José Sucena Pinto.

A competição decorreu entusiàsticamente ao longo de nove horas e terminou, na sede do Clube Naval, com uma singela mas expressiva cerimónia, que assinalou a distribuição de prémios aos vários concorrentes. Dizemos aos vários porque todos eles, dum modo geral, sairam mais ou menos premiados — tantas eram as riquíssimas taças e os objectos de utilidade postos em disputa...

Depois do sr. Eng.º Brito Vasques explicar sucintamente o apoio dado à iniciativa pelo Clube Naval de Aveiro, dentro dum plano de alargamento de actividades que activamente procura executar, tomou a palavra o sr. Dr. Ferreira de Almeida, Administrador da Celulose, que presidia à sessão. Manifestou o vivo interesse que a empresa dedica a todos o cometimentos do género, capazes de vincularem mais fortemente a solidariedade entre os funcionários, e fez votos para que se repitam, sempre que possível, organi-

Continua na página 6

Homenagem a NOGUEIRA

Muito louvàvelmente, a Secção de Basquetebol do Clube dos Galitos vai promover, no próximo sábado, uma merecidíssima festa de homenagem ao seu antigo atleta e actual e dedicado treinador, JOSÉ NOGUEIRA MARTINS.

Mais de espaço, no próximo número nos referiremos a esta festa, cujo programa inclui jogos entre grupos femininos (Galitos e Educação Física do Norte), entre equipas de veteranos (Galitos e Desportivo Aleluia) e entre os actuais *teams* de honra do Galitos e do Futebol Clube do Porto.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — OUDINOT. Domingo — MOURA. Segunda-feira — CENTRAL. Terça-feira — MODERNA. Quarta-feira — ALA. Quinta-feira — MORAIS CALADO. Sexta-feira — AVEIRENSE.

Pela Câmara Municipal

Posse do novo Vice-Presidente da Câmara

No salão nobre do Governo Civil de Aveiro, o Chefe do Distrito, sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, confere posse no cargo de Vice-presidente da Câmara Municipal de Aveiro ao Dr. Humberto Leitão, recentemente escolhido para aquele lugar, como noticiámos.

A cerimónia foi marcada para as 18.30 horas da próxima segunda-feira, dia 4.

Jogos Desportivos Luso-Brasileiros

Ontem, cerca do meio-dia, o sr. Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal, que se encontrava acompanhado pelos vereadores srs. Dr. Humberto Leitão, Presidente da Comissão Municipal de Turismo, Eng.º Alberto Branco Lopes, do Pelouro dos Desportos, e Eng.º José Ferreira Pinto Basto, e ainda pelo sr. Dr. Mário Gaioso Henriques, Presidente do Clube dos Galitos, recebeu no seu gabinete os srs. Dr. Salazar Carreira e Rogério Craveiro Lopes, da comissão promotora dos Jogos Desportivos Luso-Brasileiros, e Dr. Alberto Resende Martins, Delegado Distrital da Direcção Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar.

Estes dirigentes vieram solicitar o apoio do Município para as diversas provas daquele torneio que se desenrolam em Aveiro — Portugal-Brasil, em remo, em 6 e 7 de Agosto; e Selecção de Aveiro-Brasil (equipa campeã do Mundo), em basquetebol, em 6 de Agosto.

Uma carta do Coral Polifónico «Follas Novas»

O excelente Coral Polifónico «Follas Novas», de La Coruña, que recentemente se deslocou a Aveiro, nesta cidade se exibindo com muito agrado, enviou ao sr. Presidente da Câmara Municipal a expressiva carta que abaixo se transcreve:

Excmo. Señor:

Al regreso de nuestra jira por tierras portuguesas, es deber para nosotros de elemental gratitud empresar a V. E., como digno representante de esa bellissima ciudad, nuestro profundo reconocimiento por las delicadas atenciones que hemos recibido en Aveiro y que cuminoron com la recepcion en la Câmara Municipal, con la entrega de estimadissimos presentes.

La cordial acogida de V. E. y de toda la población es prueba de una hermandad que nos enorgullece al sentirmos cordialmente unidos a um pueblo que hace culto de la caballeros idad y de las más nobles virtudes.

Es por estas razones la nuestra una auténtica, sentidissima expresion de gratitud. Puede V. E. tener la seguridad de que jamás olvidaremos nuestro paso por Aveiro.

Dios guarde a V. E. muchos años.

Por la Junta Directiva,

a) Francisco Pillado Rivadulla

Secretário

Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro

Reuniu-se recentemente, sob presidência do Vice-Reitor do nosso Liceu, sr. Dr. Francisco Ferreira Neves, a Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro.

Por proposta do professor sr. Dr. Francisco de Assis Ferreira da Maia, foram nomeados sócios honorários, por aclamação, os antigos alunos srs. D. Manuel Trindade Salgueiro, venerando Arcebispo de Évora, Prof. Doutor Fernando Magano, Vice-Reitor da Universidade do Porto; Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro; e prof. José Duarte Simão.

Igualmente por aclamação foi aprovada uma proposta do sr. Eng.º Alberto Branco Lopes, relativa à concessão de igual título ao sr. Dr. Francisco de Assis Ferreira da Maia.

A seguir, e também por proposta do sr. Dr. Assis Maia, foram nomeados sócios de honra, a título póstumo, os saudosos D. João Evangelista de Lima Vidal, Conde de Águeda e Dr. José Maria Barbosa de Magalhães.

Finalmente, foram reconduzidos nos cargos que ocupavam na Direcção da Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro os srs. Dr. José Vieira Gamelas, Alberto Casimiro Ferreira da Silva, Tenente Jacinto Leopoldo Monteiro Rebocho e Dr. Francisco de Assis Ferreira da Maia.

II Festival de Folclore de A'gueda

A Direcção do justamente afamado *Grupo Típico O CANCIONEIRO DE ÁGUEDA* promove, nos próximos dias 9 e 10, o *II Festival de Folclore de Águeda.*

No interessante certame folclórico, que se desenrolará na Quinta de S. Pedro daquela vila, colaboram:

No dia 9 (sábado), às 22 horas, o «Grupo Folclórico da Casa do Povo de Barcelinhos», de Barcelos, o «Conjunto Folclórico de Mangualde» e o «Grupo Típico O CANCIONEIRO DE ÁGUEDA». Antes, pelas 21 horas, haverá um desfile folclórico.

No dia 10 (domingo), às 17 horas efectua-se um desfile em que participam representações dos diversos concelhos do Distrito de Aveiro, com os trajos usados no século passado, e ainda o «Grupo Infantil de Dança Regional de Santarém», o «Grupo Folclórico das Lavradeiras de Meadela», de Viana do Castelo, o «Rancho dos Pescadores do Tejo», o «Grupo Folclórico do Bairro de Santarém» e o «Grupo Típico O CANCIONEIRO DE ÁGUEDA».

Segue-se, pelas 17.30 horas, uma recepção na Câmara Municipal de Águeda. E à noite, com início às 22 horas, realiza-se — também na Quita de S. Pedro — nova exibição folclórica, com actuações dos conjuntos acima referidos.

Na segunda noite, o certame será retransmitido pelo Rádio Clube Português, através do posto emissor de Miramar.

«Campanha para Valorização da Mulher»

A «Campanha para Valorização da Mulher», com a sua *Escola Normal de Corte «Siva»*, encontra-se presentemente em Aveiro, onde, à semelhança do que tem feito noutras localidades, vem orientar cursos de Corte e Costura, a partir da próxima segunda-feira, dia 4.

Os cursos, que contam com subvenção do Estado, têm sido frequentados por inúmeras senhoras, com geral aproveitamento, e serão orientados por professoras devidamente habilitadas e de reconhecida competência.

As aulas serão ministradas no Colégio do Sagrado Coração de Maria, à Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 175, sendo o ensino totalmente gratuito (cada aluna terá, no entanto, de pagar a sua propina de inscrição, num montante de 100$00).

Subsídios para os Bombeiros Novos

A Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes recebeu recentemente um subsídio de 13 500$00 do Governo Civil de Aveiro.

A referida verba destina-se à aquisição de novos fardamentos para a prestante e benemérita corporação.

Gráficos de Anadia em Aveiro

Amanhã, vem à nossa cidade um numeroso grupo de profissionais gráficos de Anadia e suas famílias, num total de 120 pessoas, que confraternizarão com os seus colegas aveirenses.

Pelas 10.30 horas, no Estádio de Mário Duarte, efectua-se um desafio de futebol entre os grupos representativos dos gráficos de Anadia e de Aveiro. A seguir, os anadienses visitam os pontos turísticos da cidade e os seus monumentos, seguindo ainda para as praias do nosso litoral.

O Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos de Aveiro oferece, na sua sede, um «copo de água» aos componentes das equipas de futebol aveirense e anadiense.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Acabamos de receber o número 99 (referente a Julho, Agosto e Setembro de 1959) desta revista, que inclui o seguinte sumário:

Joana Inês de Lemos Coelho de Magalhães, *Luiz de Magalhães — A sua evolução espiritual.* Jorge Hugo Pires de Lima, *O distrito de Aveiro nas habilitações do Santo Ofício.* P.e João Vieira Resende, *Pela freguesia e concelho de Ílhavo — Um documento inédito.*

Movimento da Lota

Foi normal, durante o mês de Junho findo, o movimento da Lota de Aveiro.

O produto total das vendas ascendeu a 1 951 230$00 — sendo 1 872 209$00, do peixe recolhido pelas traineiras; 10 676$00, do peixe do alto; e 68 346$00, do peixe da Ria.

A traineira que mais se distinguiu foi a «Brasília», que recolheu 2 246 cabazes de pescado, a que correspondeu a verba de 203 435$00.

A sereia tocou

Ao final da tarde de anteontem, quinta-feira, foram pedidos os socorros dos bombeiros para um sinistro ocorrido numa oficina situada entre esta cidade e Cacia, próximo do parque de materiais da Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

Verificara-se a rotura de um tubo de oxigénio, com princípio de incêndio, que chegou a alarmar quantos ali se encontravam.

No entanto, não chegaram a ser necessários os serviços das duas corporações de bombeiros citadidos que prontamente acorreram ao local — dado que os empregados da aludida oficina, com o auxílio de alguns populares, haviam já debelado o sinistro.

Pela Capitania

Movimento marítimo

★ Em 23, vindo de Lisboa, entrou a barra o rebocador «Foz do Vouga».

★ Em 24, procedente de Westemann, Islândia, demandou a barra o navio holandês «Nisse», com 600 toneladas de bacalhau fresco, e saiu para Troviscosa, Itália, com 564 toneladas de madeira, o navio italiano «Soccotra».

★ Em 25, para Bayonne, em lastro, saiu o navio-motor «Nisse», e entrou a barra, de regresso dos bancos da Terra Nova e Gronelândia, na primeira viagem da presente campanha, o navio motor da pesca do bacalhau «Santa Mafalda», da Empresa de Pesca de Aveiro, Limitada, com 990 toneladas de bacalhau fresco.

Obra das Mães pela Educação Nacional

O Centro de Formação Familiar da Obra das Mães pela Educação Nacional em Aveiro, com a sede na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho n.° 157, inaugura hoje, pelas 18 horas, uma exposição de trabalhos, executados pelas alunas que frequentaram os seus cursos durante este ano.

A exposição ficará aberta ao público até ao dia 8, das 10 às 21 horas.

Novo Funcionário Judicial

Ontem, à tarde, tomou posse no cargo de Chefe da 2.ª Secção de Processos do 1.° Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro o sr. João Alves, que exercia idênticas funções no Tribunal Judicial da Comarca de Torres Vedras.

Faleceram:

José Lopes Conde Júnior

No Porto, cerca das 18 horas da passada segunda-feira, e quando seguia num automóvel conduzido por uma pessoa sua amiga, foi acometido de doença súbita o activo e conhecido comerciante e industrial sr. José Lopes Conde Júnior, residente na Gafanha da Nazaré.

Ràpidamente conduzido ao Hospital de Santo António, chegou ali já sem vida, pelo que o seu cadáver deu posteriormente entrada na morgue.

O sr. José Lopes Conde Júnior era muito estimado por quantos o conheciam, causando o seu falecimento profunda impressão em Aveiro. Contava 40 anos de idade, tendo deixado viúva a sr.ª D. Italina Mónica Conde, e um filho menor, o estudante António José Mónica Conde.

Capitão Silva Júnior

Anteontem, no Hospital Militar de Coimbra, onde se encontrava internado há cerca de três meses, faleceu o sr. Capitão José Simões da Silva Júnior, que há dois anos prestava serviço no Distrito de Recrutamento e Mobilização n.° 10, de Aveiro, depois de ter servido, durante treze anos, no Regimento de Infantaria 10, desta cidade.

O saudoso militar, oficial muito distinto e geralmente conhecido e estimado, contava 57 anos de idade. Deixou viúva a sr.ª D. Rosa Teixeira Novo, e era pai da professora oficial sr.ª D. Maria Augusta Teixeira Simões, casada com o funcionário da C. P., sr. António Maria Ferreira Santiago.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 17.30 horas, saindo da igreja de Santo António.

A's famílias enlutadas os pêsames do Litoral

diz o LEITOR...

Continuação da primeira página

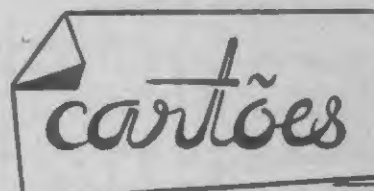
temàticamente vem acontecendo todos os anos neste dealbar do Verão! — precisamente quando os turistas afluem em grande número às nossas praias!

Serão poderosíssimas as razões de tal medida; mas, o que positivamente sabemos é que, além do prejuízo estrictamente turístico que dela resulta, as pensões, os restaurantes e outras casas de comidas-e-bebidas da Barra e da Costa Nova — que anseiam pela época estival como o lavrador pelo mês de S. Miguel — justificadamente desesperam com a já cíclica interdição da Ponte à passagem das excursões. /.../ »

Assinante n.° 2-426

Tramagueiras a pedir corte

« É costume, por estas alturas de maior movimento para as nossas praias, a entidade competente mandar aparar as tramagueiras junto das Pirâmides. Este ano ainda não se procedeu a tal corte. E o certo é que, tal como estão, aquelas arbustos constituem perigo, por tirarem a visibilidade aos condutores de veículos automóveis./.../ »

Assinante n.° 1-191

FAZEM ANOS

Hoje — As sr.as D. Guiomar de Carvalho Gomes e D. Maria Amélia Teixeira de Sousa, encarregada do *bureau* da Comissão Municipal de Turismo; os srs. Comandante Manuel Branco Lopes, Amadeu Martins Pereira e Orlando Trindade; a menina Maria Manuela, filha do sr. Capitão Augusto Soares Pinheiro, ausente em Lourenço Marques; e o menino Joaquim Martins Pereira, filho do sr. José Pereira.

Amanhã — A sr.ª D. Palmira do Carmo Urbano Alves da Cunha, esposa do sr. Tenente Antero Alves da Cunha; os srs. Nuno Meireles, Francisco Nunes da Maia Júnior e João Rogério de Oliveira Conde; e as meninas Maria Vitória, filha do sr. João dos Santos Baptista, e Teresa Mafalda Salvador Fernandes, filha do sr. Capitão João António Ferreira Fernandes.

Em 4 — A s.ª D. Flora Celeste de Pinho e Reis Neves, esposa do sr. Dr. Jaime Luís Neves, médico na Província do Niassa (Moçambique).

Em 5 — As sr.as D. Maria Ávia de Melo Fialho, esposa do sr. Vitol Cordeiro Fialho, D. Alice Simões Amaro Coelho, esposa do sr. Vítor Coelho da Silva, D. Maria Clara Ferreira Sanches, esposa do sr. Alfredo Francisco dos Santos; D. Vitalina Mendes Maia de Oliveira, esposa do sr. Artur Seabra de Oliveira, e D. Maria Rosa Lourenço Pitarma, esposa do sr. Custódio Marques Pitarma; o sr. João Ferreira de Macedo; e o menino Henrique João Almeida Moreira de Matos, filho do sr. José Moreira de Matos.

Em 6 — A sr.ª D. Maria Jerónimo Marques, esposa do sr. Manuel da Fonseca Marques; e os srs. Francisco José da Silva e Firmino da Silva Freire de Lima.

Em 7 — A sr.ª D. Ana Gomes Vieira, esposa do sr. Ernesto Vieira; os srs. Duarte Maia Marabuto e Manuel Francisco Casal; e a menina Maria Teresa Lopes Berrego, filha do 2.° Sargento sr. José Maria Berrego.

CASAMENTO

No dia 19 de Junho findo, consorciaram-se, na paroquial da Vera-Cruz, a sr.ª D. Maria da Luz Matos Gonçalves Andias, filha da sr.ª D. Anunciação de Matos Andias e do sr. José Gonçalves Andias, e o sr. Tomás Fernandes Paula, filho dos saudosos D. Idalina Fernandes Paula e Joaquim Santos Paula.

Presidiu à cerimónia o Rev.° Padre Manuel António Fernandes, tendo servido de padrinhos a sr.ª D. Maria José Velhinho e seu marido, sr. João da Naia Velhinho.

NASCIMENTO

No dia 22 de Junho findo, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, nasceu a segunda filhinha ao casal da sr.ª D. Maria Eduarda Cerqueira Gaioso Henriques e do conhecido advogado, professor da Escola Técnica e dirigente do Clube dos Galitos sr. Dr. Mário Gaioso Henriques.

A menina é neta do nosso apreciado colaborador e distinto publicista aveirense Eduardo Cerqueira

As nossas felicitações

PARA ANGOLA

O nosso conterrâneo sr. Rogério de Brito, actual gerente da agência de Fafe do Banco Português do Atlântico, segue para Angola no próximo dia 5, com sua família, para inaugurar na cidade de Lobito a nova agência do Banco Comercial de Angola, de que foi nomeado gerente.

Gratos pelos cumprimentos de despedida que se dignou apresentar na nossa Redacção.

DOENTES

★ *Tem experimentado sensíveis melhoras a menina Maria da Glória Ferreira Rodrigues, sobrinha do 1.° Sargento da Aeronáutica sr. Óscar Lemos, que se encontra internada, em tratamento, na Casa de Saúde da Vera Cruz, desde o dia 23 do mês findo.*

★ *Encontra-se enfermo e internado na Casa de Saúde da Vera Cruz o aveirense sr. Eduardo Ferreira Martins.*

Aos enfermos desejamos pronto e completo restabelecimento

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

De harmonia com o disposto no art.° 10.° do Decreto n.° 33 921, de 5 de Setembro de 1944, é exposto ao público, durante trinta dias, a contar de um de Julho próximo, o ANTEPLANO DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE AVEIRO, para que qualquer cidadão o possa examinar e emitir, por escrito, o que entenda, em virtude de razões fundamentadas.

O referido ANTEPLANO está patente na Repartição de Obras deste Município.

Para constar se passa o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho, de Aveiro, 20 de Junho de 1960

O Presidente da Câmara,

Alberto Souto

Continuações da terceira página

FUTEBOL

teado, depois, em Cernache do Bonjardim — o que arredava a equipa da competição secundária; finalmente, a turma de Barrigana actuará numa posição de muita expectativa, pois, mesmo que amanhã saia derrotada, pode ascender se os torreenses perderem em Vila Real e... se os derrotarem na última ronda!

Uma ponta final verdadeiramente emocionante, com desmedido interesse, que vai proporcionar nova enchente na Feira, amanhã, onde pode haver Carnaval!...

Resultado do dia:

CERNACHE, 5 — VILA REAL, 3 e TORREENSE, 3 — FEIRENSE, 1.

Classificação:

1.º — Torreense, 6 pontos; 2.º — Feirense, 5; 3º. — Cernache, 5; — Vila Real, 0.

Jogos para amanhã:

FEIRENSE—CERNACHE (2-2) e VILA REAL — TORREENSE (0-1), na Vila da Feira e em Vila Real, respectivamente.

Beira-Mar — Vit. Guimarães

em 4-0, numa altura em que os minhotos aproveitaram excelentemente a quebra física dos beiramarenses.

Os tentos, na etapa complementar, foram obtidos por CELU, aos 69 e aos 87 m.; e pelo defesa aveirense EVARISTO, num golpe infeliz, aos 89 m..

Distinguiram-se: entre os amarelos-negros, Liberal e Hassane Aly; e, entre os vimaranenses, Edmur, Barros e Celú.

Arbitragem em bom plano.

Torneio Beiramarzinho

tendo os golos sido apontados por Carlos Manuel, João Domingos e Santos, pela turma vencedora; e por Perestrelo e Cunha, pela equipa vencida.

Todos os participantes no festival receberam significativas medalhas alusivas ao torneio, que lhes foram distribuídas pelos dirigentes Carlos Teixeira, José Freire e Manuel Pompeu Figueiredo, no fim da prova.

Tanque-Piscina

cidos até final de 1959, 61 foram registados na piscina do Sport Algés e Dàfundo; 15, na piscina do Clube Nacional de Natação; 14, na piscina do Grupo Desportivo de Lourenço Marque; e.. 14, no tanque-piscina do Sport Clube Beira-Mar!

É deveras sintomático este pormenor, sobretudo se atentarmos no facto da curtíssima existência do recinto. Ele fala claramente das condições técnicas do tanque-piscina-escola do Beira-Mar.

HÓQUEI em PATINS

à maravilha com o esforçado e desamparado Pratas Goes.

Contingências do jogo, no entanto, determinaram que o Minas só consentisse uma igualdade numérica no segundo período (2-2), salvando-se afortunadamente de alguns possíveis tentos dos locais, apesar de utilizar uma táctica, puramente defensiva, de retenção da bola.

Marcadores: pelo Galitos, *Élio*, aos 26 m., e *Nelito*, aos 33 m., de *penalty;* pelo Minas, *Solipa*, aos 6 e 21 m., *Almeida*, aos 9 e 13 m., e *João Augusto*, aos 39 m..

Arbitragem bem conduzida.

Tabela de Pontos

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Minas	5	5	—	—	35-12	15
Termas	5	4	—	1	25-13	13
Académica	5	3	—	2	19-21	11
Galitos	5	1	1	3	13-21	8
Sampedrense	5	—	2	3	9-16	7
Sport	5	—	1	4	8-26	6

TAÇA RADIARTE para o TORNEIO JUVENIL

Como anunciámos, disputaram-se, no sábado e domingo findos, os jogos correspondentes à primeira jornada deste interessante e útil torneio promovido pela Secção de Hóquei em Patins do Clube dos Galitos.

A prova reune a participação de seis equipes, que ostentam nomes de antigos hoquistas alvi-rubros, e acaba de ser valorizada com a oferta da *Taça Radiarte*, feita por esta conhecida empresa publicitária aveirense.

Dos jogos que se forem realizando, daremos, sempre que possível, breve notícia informativa, nos moldes em que a seguir nos vamos referir às partidas da ronda inaugural.

Nuno Greno, 2 — Aleluia, 2

Arbitrou o jogador Brás e as turmas formaram:

Nuno Greno — Barreto, Leite, Boia 1, Feliciano 1 e Arroja. Simões Dias (6.º jogador).

Aleluia — Teles, Virgílio, Rui Abrantes 1, Carlos Abrantes 1 e Santos. Sarrica (6.º jogador).

Gaioso, 2 — Corte Real, 1

Arbitrou o dirigente Carlos Jerónimo e o grupos apresentaram:

Gaioso — Vaz Pinto, Miraldo, Mendes, Ramos 1, e Barros 1. Vicente Ferreira (6.º jogador).

Corte Real — Figueira, Carlos Alberto, Leitão, Mira Correia e Corte Real 1. Paiva (6.º jogador).

Silvério, 5 — Martins, 3

Arbitrou o director João Horta Azevedo, e os grupos formaram:

Silvério — Luís Filipe, Duarte Simões, David Luís 1, Simões Dias e Robocho Christo 4.

Martins — Sarrico, V. Reis, Rocha 1, Mortágua e Mira Correia 2 Casimiro (6.º jogador).

A competição prossegue, com os seguinte encontros:

Silvério — Gaioso, hoje (antes do Galitos — Termas); e *Aleluia — Corte Real* e *Nuno Greno — Martins*, amanhã (com início às 10.30 horas).

PESCA

zações como aquela a que acabava de assistir.

A terminar, o sr. Dr. José Manuel Canavarro agradeceu a presença do sr. Dr. Ferreira de Almeida, cumprimentou a Imprensa e, num improviso cheio de graça, bordou algumas considerações breves sobre o significado do concurso, e as condições que o rodearam.

As classificações ficaram assim estabelecidas:

Iniciados — 1.º — José Aguiar, 3190 pontos; 2.º — Hermínio Pereira, 2100; 3.º — José Sucena Pinto, 2075; 4.º — Tiago Tavares, 1535; 5.º — Carlos Sousa, 1500; 6.º — Adriano Pires, 1160; 7.º — António Fernandes Silva, 970; 8.º — António Lança Matos, 9.º — Carlos Ferreira Pires, 600; 10.º — José Maria Lopes, 320; 11.º — Casimiro Serrão, 120; 12.º — Gaspar Santos; 13.º — Quintela Lucas; 14.º — Joaquim Pinho; 15.º — Joaquim Maia.

Principiantes — 1.º — Manuel Oliveira, 1255 pontos; 2.º — António Cordeiro Silva, 610, 3.º — Carlos Oliveira, 295; 4.º — Henrique Vieira, 295; 5.º — Jeremias Bandarra; 6.º — Eng.º Gonzalez Queirós; 7.º — Eng.º Pedro Ferreira; 8.º — Idalécio Cação; 9.º — Joaquim Querido; 10.º — Emanuel Cajeira.

Por equipas a classificação foi a seguinte:

1.º — Secção de Transportes, 4696 pontos; 2.º — Secção de Pessoal, 3635; 3.º — Secção da Secretaria, 2075.

O concorrente Tiago Tavares conseguiu pescar o exemplar com maior peso (1,185 kg.).

Câmara Municipal de Aveiro
EDITAL

1.ª PUBLICAÇÃO

Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que *Felicidade Henriques Ramires*, viúva, doméstica, residente no Estoril, requereu no sentido de ser autorizada a trasladar os restos mortais de seu marido, *Delfim Martins de Oliveira*, da sepultura 589 — 3.º Talhão — do Cemitério Sul, desta cidade, para a Capela n.º 5 do Cemitério Central, também desta cidade.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de VINTE DIAS, contados da 2.ª publicação deste, qualquer oposição à trasladação requerida.

Findo este prazo, o pedido será deferido, se se verificar não haver quem, nos termos da lei, prefira à requerente no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Paços Concelho de Aveiro, 28 de Junho de 1960

O Presidente da Câmara,

Dr. Alberto Souto

XADREZ DE NOTÍCIAS

Em substituição do seu treinador-jogador argentino Amudsen Rosatto, que ingressou no Arrifanense, a Sanjoanense fechou contracto com outro técnico argentino: trata-se do conhecido e competente Oscar Tellechea, que recentemente orientou o Desportivo de Beja.

O portista Azevedo Maia e a equipa do Futebol Clube do Porto foram os vencedores do II Circuito Ciclista da Vila da Feira, que se disputou no penúltimo domingo e atingiu invulgar brilhantismo e emoção.

A prova, como se sabe, foi organizada — de forma primorosa, diga-se — pelo nosso prezado colega NOTÍCIAS*, Semanário das Terras de Santa Maria e pelo Clube Desportivo Feirense.*

Amanhã, em Estarreja, o Leixões defronta a turma local, num encontro particular de futebol, cujo início foi marcado para as 17 horas, no Parque de Jogos do Dr. Tavares da Silva. O desafio será de homenagem a este saudoso dirigente e jornalista desportivo.

No sábado, à noite, após o encontro de hóquei em patins Galitos-Minas, disputou-se a meia-final nortenha do Campeonato Nacional de Basquetebol da III Divisão. Desconhecia-se, no meio desportivo aveirense, a realização do encontro, que opôs as turmas do Futebol Clube de Gaia e da Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz. Mas o certo é que o recinto se encheu por completo, uma vez que se deslocaram a Aveiro inúmeros e entusiásticos adeptos da colectividade de Vila Nova de Gaia, que veio a triunfar por 41-29.

Relativamente aos incidentes ocorridos no período final do jogo de hóquei em patins Sport Conimbricense-Académica, a Associação de Patinagem do Centro resolveu: suspender o árbitro Carlos Tomás e os jogadores Franqueira (Académica) e Abílio (Sport); e proceder a um inquérito sobre as ocorrências do mencionado desafio.

A Direcção do Beira-Mar resolveu voltar à prática do basquetebol, tendo encarregado já determinado elemento de promover à indispensável reorganização da respectiva Secção. Assim, na sede do Clube encontra-se aberta inscrição para quantos pretendam representar a Colectividade em basquetebol.

A equipa do Sporting de Espinho conquistou o primeiro lugar do Torneio Feminino promovido pela Associação de Voleibol do Porto. Seguiram-se-lhe: Leixões-A, Académica de Espinho e Leixões-B.

Foram adiadas para amanhã, na Cancçada, as provas da segunda jornada do Campeonato Nacional de Motonáutica, primitivamente marcadas para o pretérito domingo.

Uma carta de João Dias de Sousa

A propósito da entrevista que nos foi concedida por Manuel Regala e aqui publicámos na semana finda, recebemos uma carta do actual orientador técnico da Secção Náutica do Clube dos Galitos, sr. João Dias de Sousa.

Na impossibilidade de, por falta de espaço, a publicarmos na presente semana, só o faremos no próximo número — acompanhando-a dos comentários que a mesma nos sugere.

É PRECISO ACUDIR À INDÚSTRIA SALINEIRA!

Mereceu os mais vivos aplausos o artigo que o *Litoral* publicou, no seu último número, sobre a situação alarmante da indústria salineira.

Muitos proprietários e marnotos manifestaram-nos, por diversos modos, as suas inquietações pela confrangedora situação da indústria — que a irregularidade da presente safra parece querer agravar — e a sua absoluta concordância com as doutrinas expendidas neste semanário.

Mercê das informações que nos foram enviadas — umas relativas ao Salgado da Figueira da Foz e outras relativas ao Salgado de Aveiro — possuímos agora elementos mais completos e mais precisos, que nos hab litam a uma compreensão exacta do problema.

Este problema, de graves aspectos económicos, sociais e políticos, não pode razoàvelmente ser ignorado pelas entidades responsáveis.

No ano passado, e ainda que tardiamente, a Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos mandou proceder a um inquérito, que se presume cuidadoso e isento, sobre a situação económica da indústria salineira no Salgado de Aveiro.

E em 21 de Outubro de 1959, a Direcção do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo apresentou ao Senhor Secretário de Estado do Comércio uma exposição, suficientemente fundamentada, sobre o «cruciante problema».

Como se compreende que, colhidos dados concretos sobre uma situação verdadeiramente alarmante, o problema continue por solucionar?

Sem dúvida, aquele ilustre membro do Governo, *desde que seja escrupulosamente informado*, não deixará de remediá-lo *com presteza* e *com justiça*.

O *Litoral*, consciente da sua missão, não se cansará de abordar o grave problema — até que, para bem de todos, seja resolvido com a reclamada equidade.

Em termos simples, a questão põe-se assim:

— Em 1953, já lá vão sete anos, depois de se haver procedido aos estudos necessários, fixou-se o preço do sal em 200$00 por tonelada. Era este o preço *justo*, razoàvelmente compensador dos avultados capitais investidos nas marinhas pelos proprietários e do penoso trabalho dos marnotos na exploração do sal.

Mas de então para cá agravaram-se consideràvelmente os encargos dos proprietários e dos marnotos: sem falar em aumentos de contribuições, impostos e taxas, subiram de preço, por vezes assustadoramente, as soldadas dos moços, os prémios dos seguros, as alfaias, o torrão, a bajunça, a areia.

Desde que o custo da produção aumentou — e aumentou espantosamente — o preço de 200$00 por tonelada ficou desactualizado, deixou de ser compensador, tornou-se manifestamente *injusto*.

Acontece, porém, que, de há sete anos a esta parte, só na safra de 1957 se atingiu uma produção vultuosa; as restantes safras foram, sistemàticamente, deficitárias — algumas verdadeiramente desoladoras e francamente ruinosas. Ninguém ignora que proprietários e marnotos se viram forçados a recorrer ao crédito, contraindo dívidas onerosas de muitas centenas de contos — ao Fundo de Desemprego, aos Bancos e a simples particulares — dívidas que muitos não conseguiram ainda pagar ou sequer amortizar substancialmente. E tudo isto veio tornar menos compensador e mais flagrantemente *injusto* o preço de 200$00 por tonelada, que se teimou em manter.

Mas a situação agravou-se por virtude dos estragos causados nas marinhas pelos temporais — obrigando os proprietários a reparações grandemente dispendiosas e os marnotos a um notável acréscimo de trabalho. O último Inverno, prolongado e rigoroso, causou avultados prejuízos — marinhas havendo em que o custo das obras de reparação anda pela casa das dezenas de contos.

E agravou-se ainda por virtude das incompreensíveis demoras no levantamento do sal, pelo injustificado sistema de pagamentos, pela multiplicação dos furtos e pelas quebras da produção.

O preço do sal, fixado em 1953, que de há muito se tornara *injusto*, por não compensador, passou a ser *ruinoso*.

E por tal forma que o aumento de $10 em quilo, que insistentemente se pediu, não seria agora suficiente para ressarcir proprietários e marnotos dos prejuízos sofridos. Os elementos de que dispomos, levam-nos à conclusão segura de que só um aumento de $20 em quilo poderá, não dizemos *compensar* aqueles prejuízos, mas *actualizar* o preço, em conformidade com as bases que há sete anos serviram para a sua fixação.

Que nos reservará a presente safra?

Pode dizer-se que, em 1 de Julho de 1960 — numa altura em que a produção devia ir adiantada — não há, pràticamente, sal nas marinhas da Ria de Aveiro. São pouquíssimas — não chegam a dez por cento das existentes — as marinhas que, há poucos dias, iniciaram o fabrico do sal. Os rigores do último Inverno dificultaram as «curas»; e as incertezas do tempo, com chuvas intermitentes e nevoeiros repetidos, têm impossibilitado a produção.

O «panorama» é, sem sombra de exagero, aterrador.

Poderá pretender-se que a actualização do preço do sal acarreta um agravamento, contrário à política governamental da estabilização. Mas, e salvo o devido respeito, não haveria para isto o mais insignificante fundamento.

Não seria *justo*, a pretexto de defender um princípio rígido de estabilização, conservar um preço que se reconhece — que tem de reconhecer-se! — estar manifestamente *desactualizado* e ser verdadeiramente *ruinoso*. De resto, é do conhecimento geral que têm sido aumentados os preços de inúmeros outros produtos, por via de regra muito mais compensadores.

O próprio sal, aliás inferior, dos salgados do sul, tem sido colocado nos mercados nortenhos a preços *muito superiores* a 200$00 por tonelada.

Nem o preço de 400$00 por tonelada causa qualquer perturbação na economia seja de quem for. O consumo doméstico do sal é por tal forma insignificante, que nem os mais pobres sentem o mínimo abalo pela elevação do custo do produto. E a verdade é que o consumidor paga o sal, normalmente à razão de 1 000$00 a tonelada! E' a este preço que os retalhistas vendem o sal, por via de regra, ao público!

Nada há, portanto — como ainda melhor veremos — que justifique a demora na solução do grave problema.

O que se pretende, repetimos, é que ele seja resolvido *com justiça*.

RASCUNHO DA SEMANA

Continuação da primeira página

para pior. *Mas é mentira — as coisas caminham cada vez para melhor. Notem V. Ex.as que um sujeito mediocremente habilitado — a quem basta saber inglês, estenografia e passear os dedos pelas teclas «Azert» à velocidade útil de quarenta palavras por minuto — já está em condições de responder como um pimpão a estes fascinantes anúncios, que logo deixam uma pessoa a visionar gordos períodos de férias em Acapulco e belos prédios de rendimento na Avenida de Roma.*

Mil e quinhentos escudos! Bem — não exageremos. Não se trata pròpriamente duma fortuna. Sempre vai dando, contudo, para manter dois ou três filhos, criada, televisão, frigorífico, ventoinha, gira-discos; e jantar num restaurante de meio-luxo cinco vezes por semana...

PUBLICIDADE

Alec Guiness — que merece a nossa admiração pelos seus dotes de actor e nos assalta a mente quando calha assobiarem-nos aos ouvidos a *marcha do rio Kwai* — acaba de rejeitar 40 000 libras, que lhe seriam pagas a troco duma episódica comparência na T. V. britânica, a apresentar determinado produto.

Entre nós — país sóbrio, modesto, equilibradinho — não há possibilidade das organizações publicitárias oferecerem tanta libra a quem quer que seja por motivo idêntico. Nem o infeliz público pretendia semelhante coisa.

O que ele almejava era encontrar um benemérito que pagasse às nossas empresas de publicidade o bastante para elas se calarem definitivamente...

TARZANS

O sr. Yussef-Ze-Sabai, conhecido leader do Conselho de Solidariedade Afro-Asiático, pode ser uma pessoa bem intencionada. Mas não tem o senso das realidade, deturpa alegremente os factos — enfim: vive na Lua. E, por isso, acaba de aconselhar o boicote dos filmes de Tarzan, argumentando que eles contam sistemàticamente uma convencional e mentirosíssima história, onde certo Adónis de pele branca e alma da mesma cor invariàvelmente derrota uma selvática multidão escura — por-dentro-e-por-fora.

Não sabemos se o caro leitor já viveu no continente africano. Todavia, ao menos pela leitura das gazetas e dos cronistas, sabe muito bem que a A'frica, na aparência pertencente aos negros, é propriedade legítima dos brancos — os quais, apesar desses direitos, aguentam a exploração metódica dos pretos e os servem humildemente. Nos filmes de boa-cepa hoolywoodense, as coisas não decorrem com tanta facilidade, em virtude dos músculos hors-série dos Weissmuller e dos Barker garantirem um revestimento à prova de zagaia. Contudo, nem todos somos atletas. E a triste verdade é que, lá pelos Congos e terras similares, o europeu — sem conforto, sem meios materiais, sem alfabeto, sem argúcia — se limita a desempenhar os misteres dependentes, rasteiros, numa constante sujeição à gorda prepotência dos magnates indígenas.

Deus nos perdoe se nos enganamos...

Direcção de

JAIME BORGES e PEREIRA DA SILVA

FANTASIA DOS COSMÉTICOS

Carta a "Uma Qualquer"

ASSINADA POR MANUEL PEREIRA GAMELAS

CAINDO no classicismo-modernizado da sua formosura hiperbólica, em que o penteado mais parece um ninho de cegonha; o busto, duas ogivas de foguetões interplanetários; as orelhas, uma parreira em plena época da vindima, tão abarrotadas estão com cabelos azevichados à B. B.; os lábios, duas cenouras troçando dos dentes de algum «coelho» com pensamentos irracionais; os olhos, duas caves clandestinas de bailados igualmente clandestinos, género «steap-tease», tão despidos de naturalidade se nos apresentam; as pernas, duas coleiras prontas a lançar o pânico no mundo luarento e pasmaceiro dos «lulus» parisienses; etc., etc.; — sinto um vazio bailar-me na cabeça.

— Porquê classicismo-modernizado? — perguntará. — É simples!...

Repare nessa miniatura de Vénus que tem sobre a estante e observe com atenção a disposição dos galvanómetros hipersensíveis do corpo feminino. Parecida nalguns aspectos, não é verdade?! Pois bem. Esses aspectos são a sua parte clássica. Os outros, que essa figurinha não apresenta, são a sua parte modernizada. Pernas luaceiras, braços, estilo de saia, etc..

— Braços? — dirá a senhora estupefacta.

— Sim... por que não?!... Que utilidade «social-familiar» faz deles? Cozinha? Remenda? Costura? Não! Então... Vá, deixe-se de fitas à Lollo... Você tem uns braços de utilidade «comercial-panorâmica», que fazem o regalo dos olhos estrangeiros de fora e dentro, como o nosso «Zé». Toleirão!...

— Por que abre tanto os olhos?! Sente-se escandalizada? Ora, ora... Adiante.

Dizia eu que sentia um vazio na minha massa encefálica. É verdade. Nem mais nem menos: sinto-me como que paraquedas em suspensão.

Essa sua beleza pré-convencional, pré-fabricada em institutos de beleza, pré-erótica, transfigura-lhe o real para lançá-la na semelhança sempre ridícula dum palhaço de circo.

Mas... não quero contestar-lhe o direito de protestar. Também admiro uma levíssima pintura, mas muito levíssima, repito, ùnicamente para realçar partes do rosto que, mesmo ao natural, têm um tom descorado. Mas... transformar-se em «pagliace»... Proteste. Isso... claro... pois... ora aí está! É esse o ponto desta crítica:

«usurpar o sexo-forte com beleza fabricada com unguentos e corantes.»

— O que é certo é que ainda há maduros que vão na rede, não é verdade? E você levou um cachalote! Rico, fino... Vá, não se irrite. Pois claro: viver não custa, o que custa é saber viver.

Essa resposta fez-me agora lembrar esta estúpida anedota:

Entrando numa casa de discos, um senhor pediu à empregada:

— Eu queria um disco que anda muito em voga, mas... francamente, desconheço o nome da canção.

A empregada, solícita, exclamou:

— Não tem importância. Basta que me diga o nome do cantor.

— Também não sei.

— Bem... então trauteie um bocadinho da canção.

— Também não sei. Só sei que faz: hummmmmmmm.

Tal como este senhor, você responde-me agora da mesma maneira, trauteando: — humm.

— Mas observe: não é ridícula, estúpida, incrivelmente estúpida, tal beleza «pré-fabricada»?

INVENTÁRIO

A presente poesia foi distinguida com um dos prémios do Concurso Literário promovido, no ano findo, pela Comissão Executiva das Festas do Milenário de Aveiro

O que me resta, ao fim da caminhada,
Em mil anos de luz
E outros de incerteza?
Glórias e misérias? Nada,
A não ser a cruz
E a beleza
Que consomem,
Em ânsia, as entranhas do meu Deus
Que é o homem!

Fruto da fé e da esperança,
Filha da ambição e desespero,
Eu sou a criança
Milenária
Que não sei o que quero
— E tudo quero
Da força genial
Ou perdulária.

Vítima agradecida e penitente,
Estendo-me e contraio-me,
Serena e obediente.
Quem me dera subjugar-lhe a ambição,
E afagar-lhe a cabeça sonhadora!
Mas o homem não me acha sedutora,
E parte, sem reparar
Na minha maldição.

Presa no tempo e no espaço
A liames de dor e alegria,
Passo
O dia-a-dia
A abraçar vagas de espuma,
A chorar e a rir
E a cantar,
E a ver cair,
Da torre secular,
As horas, uma-a-uma.

PEREIRA DA SILVA

Crónicas da Vida

POR JAIME BORGES

O INTRIGUISTA

A estupidez de certos conceitos sociais junta-se, às vezes, a cretinice bajuleira de certos entendidos, que, couraçados numa fanfarronice atroz, se armam em conselheiros.

O certo, porém, é que desses seus conselhos só saem opiniões próprias e sempre sujas por uma ferrugem mental que fere uma alma com senso e pensamentos próprios.

Quem manda ao sapateiro tocar rabecão, quando ele só pode tocar nota dissonante, que ferirá os ouvidos e a sensibilidade?! Para que dão opiniões indivíduos que nem são honestos para consigo próprios?!...

Na vida, deparam-se-nos inúmeros casos que dariam assunto para estudo a muitos filósofos.

Todos os dias, alguém chama outro alguém de parte, e diz, com o ar mais sério deste mundo e do outro: — *Sabes?! Não faças isto: todos reparam, parece mal, dá nas vistas...*

Ah! Muito forte é o *parece mal* em lábios de mortais...

Não, não dá nas vistas! Essas pessoas é que chamaram a atenção das outras, exageraram as circunstâncias e fizeram um quadro magnífico de incompreensão... Iludiram todos as opiniões de indivíduos que sabem pensar bem e levaram-nos maldosamente a pensar mal. Teceram uma intriga. Depois, procuraram a vítima e envolveram-na na rede, esperando o consequente apertar das malhas.

Não, não é um conselho que eles dão — porque nem o sabem dar, nem, por vezes, têm autoridade moral para o fazer.

Conscienciosamente, um conselho só se dá quando se viveu e, sobretudo, quando se soube viver. Ou, então, quando é um CONSELHO.

Conselheiros há muito poucos, e intriguistas há de mais. Estes arruinam os outros, uma nação, o mundo.

Os intriguistas são mentirosos, inventam o que dizem e procuram ver o mal onde ele não existe.

Na vida do intriguista não há uma pequena mancha. Pequena, claro, porque está cheia de grandes manchas...

Quando findará aquela geração e aparecerá no mundo mais lealdade, mais entendimento, mais moral, mais amor ao próximo e a tudo o que se faz?

Quando será que um conselho, despido de todos os artifícios viscosos, será só um conselho leal?

Lògicamente, quando todos confiarem uns nos outros e não se intrigarem com falsos ditos e perfídias. Nessa altura, talvez nem haja necessidade dum conselho. Sim, porque ele não será preciso, quando desaparecer da face da terra esse cinismo colectivo...

Uma reforma nos costumes e em certas cediças convenções durará ainda muitos séculos. Resta-nos a consolação de que nós, os novos (infelizmente nem todos...) procuramos combater alguns desses elementos perniciosos e dessas convenções anti-sociais, tão pouco necessários ao desenvolvimento da Humanidade.

Iremos apontando nestas crónicas uns e outros, separando-os do resto da massa anónima, e tornando-os conhecidos aos olhos dos que procuram reeducar a Humanidade afastada dos grandes exemplos universais.

Litoral — ANO SEXTO N.º 297
Aveiro, 2 de Julho de 1960

UM JORNAL DE TODOS E PARA TODOS — em que cabem TODAS AS OPINIÕES HONESTAS; que aceitará TODAS AS SUGESTÕES INTELIGENTES; porta-voz de TODOS OS ANSEIOS LEGÍTIMOS

AVENÇA